

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
HARRY BELAFONTE, IN MEMORIAM  
4 e 14 de Julho de 2023

## ISLAND IN THE SUN / 1957 *(Uma Ilha ao Sol)*

um filme de Robert Rossen

**Realização:** Robert Rossen / **Argumento:** Alfred Hayes, baseado na novela homónima de Alec Waugh / **Direcção de Fotografia:** F.A. Young / **Direcção Artística:** William C. Andrews / **Música:** Malcolm Arnold / **Montagem:** Reginald Beck / **Interpretação:** James Mason (Maxwell Fleury), Joan Fontaine (Mavis), Dorothy Dandridge (Margot Seaton), Joan Collins (Jocelyn), Michael Rennie (Hilary Carson), Diana Wynyard (Mrs. Fleury), John Williams (Coronel Whittingham), Stephen Boyd (Euan Templeton), Patricia Owens (Sylvia), Basil Sydney (Julian Fleury), John Justin (Archer), Ronald Squire (o governador), Hartley Power (Bradshaw), Harry Belafonte (David Boyeur), etc.

**Produção:** Darryl F. Zanuck / **Distribuição:** 20th Century Fox / **Cópia:** 35mm, colorida, scope, legendado em espanhol e eletronicamente em português, 118 minutos / **Estreia em Portugal:** Politeama, a 3 de Outubro de 1957.

---

**Island in the Sun** foi realizado no período mais incharacterístico da carreira de Robert Rossen. Depois de ter terminado a década de quarenta com duas obras-primas absolutas (**Body and Soul**, de 47, e **All the King's Men**, de 49), os anos cinquenta foram para Rossen uma época relativamente pálida. À entrada da década teve aborrecimentos com a fúria McCarthyista, que não só lhe cercearam as hipóteses de trabalhar com o máximo de liberdade possível como lhe causaram diversos problemas psicológicos e pessoais, agravados pelo facto de, ao longo dos anos cinquenta, ter perdido gradualmente os favores da crítica. Depois deste filme, Rossen realizaria ainda **They Came to Cordura** (em 59), antes de recuperar forças e dar origem a mais uma sequência de absolutas obras-primas: **The Hustler** (em 1961) e **Lilith** (três anos mais tarde), que ficariam como os últimos filmes do cineasta, falecido em 1966.

**Island in the Sun** não é, por conseguinte, Rossen no seu melhor. De resto, e atendendo às particularidades dos seus melhores filmes (os ambientes opressivos, os espaços fechados, o negrume do preto e branco), é de crer que Rossen não estivesse muito à vontade com a exuberante luminosidade das Antilhas, ainda por cima captada em scope. Contudo, **Island in the Sun** também não é um mau filme: é certamente uma obra desequilibrada, enferma de alguns problemas de argumento (que tem manifestas dificuldades no tratamento da diversidade narrativa da novela de Alec Waugh em que se baseia), mas a que Rossen consegue nalguns momentos conferir uma chama que, curiosamente (ou evidentemente), vai no sentido do negrume opressivo das suas obras maiores.

Disse-se acima que o argumento de Alfred Hayes tinha alguns problemas para encontrar uma via unificadora dos inúmeros nós narrativos do livro de Waugh. De tal forma que durante as primeiras sequências diríamos estar em presença de um esboço de "soap", uma daquelas sagas familiares "à americana" onde amores proibidos se cruzam com jogos de poder e de dinheiro, com ressonâncias políticas à mistura. Tudo se passa numa ilha fictícia das Antilhas Britânicas, e há aparentemente uma outra questão de fundo que se pretende determinante: o racismo e o relacionamento entre brancos e negros. Toda a primeira parte do filme é pois a cartografia das relações entre as personagens, cuja variedade acaba por diluir substancialmente a tensão narrativa, ou como se fosse impossível distinguir entre aquilo que é apenas marginal e aquilo que é verdadeiramente essencial. E se o filme foi à época destacado pela sua abordagem do racismo esse pormenor é hoje o mais fácil de desvalorizar: tanto pela personagem de Harry Belafonte, que tem um papel pouco mais do que retórico e é incapaz de contornar o seu próprio esquematismo, como pela questão do hipotético sangue negro da personagem de Joan Collins, tomada inconsequente pelo desenvolvimento narrativo adoptado.

O que parece interessar a Robert Rossen é algo de consideravelmente diferente e só surge a meio do filme (a tal ponto que se diria começar aí "outro" filme): é o momento em que James Mason, figura com responsabilidades políticas na ilha, mata o homem que julga ser o amante da sua mulher. A partir dessa altura **Island in the Sun** passa a concentrar-se na personagem de Mason e só tem a ganhar com isso - mesmo que Rossen vá com essa opção ao arrepio das intenções do argumento e do produtor Zanuck. Com o efeito, o resto das intrigas paralelas parece ficar esquecido e **Island in the Sun** transforma-se numa espécie de variação sobre o "Crime e Castigo" - aliás expressamente citado numa cena genial entre Mason e o chefe da polícia local. O que passa a interessar a Rossen é a trajectória de um homem progressivamente submerso pela culpa, pelos remorsos e pelo medo: a ilha toma-se então um efectivo lugar de clausura, o espaço do "scope" transforma-se numa espécie de jaula para a personagem de Mason. Fabuloso actor, Mason é exemplar no modo como constrói uma personagem em perda, alguém a quem o excesso de culpa conduz à paranóia - é magnífica a maneira como o seu comportamento deixa de ser "normal" pelo simples facto de a personagem querer ser tão "normal" quanto possível - e a uma visão distorcida da realidade. No limite, chega-se a um ponto em que tudo o que Mason vê lhe lembra a sua culpa, situação que culmina no momento em que parte o espelho que lhe reflecte a imagem: depois disso, só se pode seguir a rendição e o apaziguamento.

Inesperadamente, atendendo às suas premissas iniciais, **Island in the Sun** transforma-se numa brilhante reflexão sobre o tema da culpa, tão negra e desesperada como no mais cerrado preto e branco dos melhores filmes de Rossen. Apesar da cor e do scope.

Luís Miguel Oliveira